

Poeta, poema, poesia, contadores de causos e de histórias nas paragens de Goiás

RESUMO

O presente texto trata da identificação das características de poetas ligados à vida rural, que retratam em sua arte a vida rude, porém, extremamente emotiva, vivida no campo ou em cidades do interior de nosso Estado. Eles fazem sua arte com uso da linguagem local, sem se esquecer, todavia, dos traços, das características e dos problemas presentes na vida da cidade e na vida de outros Estados do Brasil.

Palavras-chave: poesia; contação de histórias; causos.

Este texto apresenta-se como produto da pesquisa "Poeta, Poema, Poesia, Contadores de Causos e de Histórias nas paragens de Goiás" que foi pensada a partir do pressuposto de que é importante entrar em contato com diferentes personagens e diferentes textos que circulam socialmente, valorizando a diversidade das manifestações culturais de diversas localidades em Goiás e em outros Estados brasileiros, contribuindo com a superação da discriminação de determinados gêneros literários.

Procuramos aqui identificar contadores de causos, poetas e escritores que contribuíram ou contribuem para a preservação de manifestações culturais ligadas à literatura popular. Buscamos também detectar a influência da literatura de cordel em obras desses personagens locais, sua relação com a produção de escritores renomados e a importância desses poetas da terra na documentação de fatos ocorridos na região que, pela ausência de jornal local ou de outros mecanismos de documentação, poderiam cair no esquecimento daquela comunidade. Entendemos como literatura de cordel a contação de histórias ligadas à divulgação de fatos, sejam eles muito antigos ou mais recentes feitas na forma rimada e muito melodiosa quando apresentadas oralmente ou na forma original impressa.

Nesse texto, tomamos como ponto de partida a obra de um poeta nascido em março de 1909, no alto da Serra de Santana, no

Vale do Rio Jaguaribe, no sertão do Ceará, na cidade de Assaré, lugar onde é comum se encontrar um passarinho cinza azulado, de temperamento dócil e de cantar melodioso. Antônio Gonçalves da Silva, no ritmo dos versos, juntou o nome da cidade e do pássaro construindo a sonoridade que definiria o seu destino de poeta de codinome Patativa do Assaré. De forma sertaneja, ele vai contando histórias do seu cotidiano, da roça onde viveu e de onde tirou seu sustento durante os noventa e dois anos de vida. De forma poética e melodiosa ele se construiu poeta do povo, o poeta da roça. Em seguida, apresentamos Baltazar Mariano da Silva, vulgo Tazinho, o poeta do destino de peão, que vive na cidade de Petrolina de Goiás.

Patativa do Assaré, assim, se definia:

"Sou fio das matas, cantor da mão grossa
Trabalho na roça, de inverno e de estio
A minha choupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de palha de milho.
Meu verso rasteiro, singelo e sem graça
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra, no campo e na roça
Na pobre palhoça, da serra ao sertão."

Quão melodiosos são seus versos quando se ouvem músicas como "Triste Partida" tocada e cantada por Luiz Gonzaga. Os versos da música registram a sina daqueles que sofrem, de sol a sol, com a seca do nordeste brasileiro. Desavisado, o ouvinte não imagina tratar-se de versos compostos por Patativa do Assaré "Setembro passou, outubro e novembro. Já tamo em dezembro, meu Deus quê de nós (...)

Outros cantores famosos

transformaram os versos de Patativa do Assaré em música. Fagner, por exemplo, canta e encanta com seu "Vaca estrela e Boi fubá": "Seu dotô, me dê licença, pra minha história eu contá (...)"

Patativa do Assaré, em entrevista concedida ao Programa Globo Rural, em setembro de 1999, afirmou que foi com a leitura de grandes romancistas como José de Alencar e de poetas de sua época que "adquiriu o vocabulário com o qual pôde reproduzir em versos tudo aquilo que via, sentia e queria expressar, tanto em versos, quanto em forma literária", sempre influenciado pelos cantadores e contadores de cordel e falando de coisas rotineiras que ocorriam a sua volta, como por exemplo, o observar a atitude de um peixe ao ser pescado e, criticamente compará-lo ao eleitor em época de eleição, no soneto, intitulado "O peixe":

(...) Se na ponta de um fio longo e fino,
A isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe, de repente,
Preso ao anzol, do pescador ladino.

O camponês, também, do nosso Estado.
Ante da campanha eleitoral, coitado,
Daquele peixe tem a mesma sorte,
Antes do pleito festas, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto,
Pobre matuto do sertão do norte!"

Patativa do Assaré não frequentou nem um ano completo nos bancos escolares, aprendeu a ler sozinho. Fugiu da escola por achar que ela tinha pouco a lhe ensinar, e transformou em verso essa sua experiência: "Não tenho sabença, pois nunca estudei; Apenas eu sei o meu nome assiná; Meu pai coitadinho, vivia sem cobre; E o fio do pobre, não pode estudá."

Os seus primeiros versos foram escritos aos treze anos de idade e, mesmo com a pouca instrução escolar, chegou a publicar cinco livros, dos quais: Ispinho e fulô, Conte lá que eu conto cá: filosofia de um trovador nordestino e Balceiro.

A ligação de Patativa do Assaré com o campo, com a lida diária da enxada, do machado e das ferramentas agrícolas ficou estampada em vários de seus versos: "Só canto buliço, da vida apertada, da lida pesada, da vida da roça ou do eito. E as vez recordando a feliz mocidade canto uma sodade que mora em meu peito."

Patativa do Assaré faleceu em julho de 2002, aos noventa e dois anos e, sobre esse fato que já aguardava, ele tinha o que dizer: "Quando chegar o meu fim, Eu sei que a terra me come, Mas fica vivo o meu nome, Para os que gostam de mim."

Assim como no interior do Ceará encontramos o fenômeno Patativa do Assaré, em outras regiões do Brasil podem ser encontrados exemplos semelhantes. São pessoas de origem humilde que, com pouca instrução escolar, lançam mão da sabedoria adquirida na lida diária e nas dificuldades da vida para expressarem com arte e musicalidade os seus sentimentos, seus conceitos e suas experiências em versos sonoros.

Muitos são os personagens que encontramos em Goiás. Tratam-se de personalidades que suscitam e motivam a criação de histórias passadas de geração a geração, geralmente, na tradição oral e menos freqüentes em publicações de pesquisadores preocupados com o registro dessas histórias. São histórias como essas que, em última instância, trazem em seu bojo nossa cultura, nossas crenças, nossas escalas de valores.

Na cidade de Jaraguá, encontramos a personagem Tereza Bicuda que, com suas maldades, aterroriza as crianças e os adultos daquela região. Ela incentiva escritores como Ciça Fittipaldi a registrar e ilustrar suas aventuras.

Na cidade de Goiás, nossa antiga capital, muitos são esses personagens, que enriquecem o imaginário do povo goiano, com seus causos e suas histórias. Temos presente Maria da Purificação, vulga "Maria Grampinho", e seu amor eterno que a incentiva na busca constante da beleza, com adereços e grampos de cabelo, na eterna espera do amado ausente. En-

contramos ainda, Hilário dos Reis, alcunhado de "Negô Bobo", pessoa que dedicava seus dias a "dar uma mãozinha" aos freqüentadores do Mercado Municipal ajudando-os com pacotes e sacolas e contando suas proezas.

Com seus versos, os poetas das redondezas nos ensinam que a poesia proporciona, além da musicalidade e cadência rítmica que agrada aos sentidos e faz desabrochar as emoções, a mágica forma de registrar lembranças e fatos que se perderiam no tempo ou se apagaríamos das lembranças, caso não fossem eternizados em versos e prosas.

No interior do Estado de Goiás, na cidade de Petrolina de Goiás, em pesquisa que realizamos com o objetivo de identificar contadores e escritores de contos, causos e histórias encontramos um poeta intuitivo, de pouca instrução escolar, mas de muita "sabença de vida". Trata-se de Baltazar Mariano da Silva, vulgo Tazinho, o poeta do destino de peão.

Tazinho nasceu em setembro de 1946 no Bairro Mato Grosso e, como Patativa do Assaré, dispensou os bancos escolares quando, contava com sete anos de idade, após trinta dias de aula, sua mãe foi chamada à escola para ser alertada do perigo que o filho corria se continuasse com os estudos.

A professora esclareceu à mãe que seu filho não deixava a sala de aula no momento do recreio, que ele preferia ficar estudando a sair para brincar; explicou ainda que ele pouco se relacionava com os colegas, e que não se desgrudava dos cadernos. E, concluindo ela, chegou a dizer que se Tazinho continuasse estudando assim ele "ficaria louco!" Dessa forma, melhor seria que ele não voltasse à escola. Apavorada com as informações da professora, a mãe do menino Tazinho obedeceu, fielmente, o que prescrevera a "mestre Ubaldina".

Foi com Niquinha, filha de uma vizinha, que Tazinho contradiu a professora e a mãe. Com a ajuda da amiga e sem o auxílio da escola, ele aprendeu, segundo

ele, "com muita facilidade a juntar as letras e, depois juntar as palavras para dizer o que pensava ou para ler e tentar entender o que os outros pensavam". Durante sua infância e adolescência trabalhou como servente de pedreiro e ajudante de caminhoneiro.

Na cidade de Jaraguá, encontramos a personagem Tereza Bicuda que, com suas maldades, aterroriza as crianças e os adultos daquela região.

Nas horas de folga, Tazinho gostava de ler tudo o que lhe caía nas mãos. Gostava também de, segundo ele, "perambular pelo campo, sempre em contato com os amigos peões de boiadeiro e moradores da roça". Outra paixão de Tazinho era o chapéu preto, de uso constante, e a poesia que recitava nas casas, nas lojas do comércio, nas arenas de rodeio, ou no Programa da Rádio de São Francisco, situada na cidade vizinha de Petrolina de Goiás. "Haja ouvidos para ouvi-los e imaginação para vivê-los".

Com seus versos, os poetas das redondezas nos ensinam que a poesia proporciona a mágica forma de registrar lembranças e fatos que se perderiam no tempo.

Dessa sua experiência de vida ficou o registro em forma de versos:

"Eu, ontem fiquei tão triste
Ao passar numa cidade
Me lembrei de um certo tempo
Fui tomado pela saudade,
Um moço acenou com a mão
E eu parei meu caminhão
Para fazer sua vontade.

De longe ele veio gritando
Se não for meu engano
Tu é aquele boiadeiro
Que de longe quando vinha
Eu abria a porteirinha
Que tinha no meu terreiro. (...)
Ali eu parava o gado
Desarreava o queimado
Na varandado paió
Ao lado estava o campeiro
Um dos melhores companheiro
Que não me deixava só. (...)"

Tazinho, com seus versos, também registrou acontecimentos, tragédias e histórias de amor que tinha pela sua família. (...)
Ouvi minha mãe dizendo
Meu filho venha correndo
E lava o milho lá na bica
Pois hoje aqui na fazenda
O que vai ter de merenda
É uma boa canjica."

Uma das tragédias por ele registrada aconteceu há mais de trinta anos, na Fazenda Lagoinha no município de Petrolina, e, muitos moradores de várias idades, se lembram do fato como se fosse hoje. Disse Tazinho:

"Eu vou contar uma história
Que se deu há anos atrás
Esse fato abalou
Velho, menino e rapaz (...)
Começou com um vaqueiro
A sina que Deus marcou,
Quando foi soltar o gado
Que no colchete pregou
Caiu no chão de repente
Com o choque que o traiçooou (...)

Veio correndo no quintal
Um peão muito estimado
Quando viu seu companheiro
Foi ver o que tinha se dado
Aumentou mais a tragédia
Morreu na cerca pregado(...)
A Fazenda Lagoinha
Dava pena agente ver
Como foi acontecido
Ainda pode acontecer(...)

Quando falamos de problemas como o desemprego, o uso de drogas e os conflitos familiares, em uma cidade pacata do interior goiano, isso pode parecer coisa distante, coisa apenas de cidade grande..., mas Tazinho, em sua simplicidade, mostrou-se alerta a estas questões quando apresentou em seus versos:

"As vezes fico pensando
Naquilo que estamos passando
Por tantas humilhações
Vejo os jovens se drogando (...)

Muitos deixam o seu lar,
Não sabem quando voltar
Novamente para o aconchego,
São muitos os tristes ais
São filhos deixando os pais
É o drama do desemprego. (...)

Podemos identificar a influência da literatura de cordel nos versos de Tazinho, quando encontramos, em seus arquivos, que gentilmente nos foram abertos, poemas que trazem a característica dos repentes nordestinos. Como no poema Promessas de Candidato, quando em sua segunda parte encontramos uma espécie de desafio, como no texto a seguir:

I Parte
Bom dia! Pessoal!
Estão aí dando duro
Aí no cabo de enxada
E o sol está tão quente
Êta vida malvada
Da pra gente perceber
Olhe compadre
Daqui agente vê. (...)
Sem nada de recompensa.
O mantimento que colhe
Na verdade não tem preço
Por isso eu candidatei
Porque disso eu reconheço
E eu ganhando a eleição
Vão sorrir de satisfação
Aqui está o meu endereço. (...)
Eu vou fazer pra vocês
Uma escola aqui pertinho
Para que os senhores possam
Dar estudos aos seus filhinhos
E para que isso aconteça
Faça com que eu mereça
Seu voto e de seu vizinho.
Tudo isso eu ofereço
Porque o seu voto é sagrado
Voltando em mim para prefeito
Não vai ser decepcionado
E para vereador
Preste atenção meu senhor
Vote também do meu lado. (...)
II PARTE - Dois anos depois
Lavrador: Bom dia seu dotô
Eu vim pelo endereço
Que comigo um dia deixou
Pois já se passou dois anos
Que nã num vêo sinhô
Fico de vortá pru lá e pru lá
Que num volto.
Doutor: Eu não estou alembrando
E nem tenho muita paciência

Eu quero é que se arretire
Mais cedo do que se pensa
Estou em reunião
Aí dentro com a Imprensa (...)

Eu vim aqui pra vendê
Mantimento pro sinhô
Porque o sinhô prometeu
Que ia dá mais valô
Então compra meu arroz
Num preço justo dotô
Doutor: Guarda! Retire esse homem
Pois ele enloqueceu
Eu nunca vi esse cara
E ele disse que já viu eu
Pode até prender o cara
Pois ele não sabe o que fala
Está mentindo contra eu. (...)
É essa a recompensa
Pro quê votei no sinhô
Aqui detrás dessa grade
Até sem cumê eu tô(...)

Hoje Tazinho, ainda se apresenta, seja em rodeios de peão, seja na rádio, ele conta seus causos se colocando como protagonista de suas histórias o que proporciona uma dinâmica bastante interessante em suas narrativas e o coloca na lista daqueles personagens regionais que jamais serão esquecidos. Em sua simplicidade, ele transmite credibilidade e confiança ao público que o assiste. Seu sorriso agradável e sua simplicidade apresentam-se como um cartão de boas vindas a ouvir suas histórias.

Autora

1 Mestre em Educação Escolar Brasileira pela FE/UFG. Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), atualmente, é Diretora do CEPAE/Colégio de Aplicação/UFG, Coordenadora do Programa de Extensão e Cultura Grupo Gwaya Contadores de Histórias/UFG e do Curso de Especialização em Metodologia da Arte de Contar Histórias Aplicada à Educação.
Contato: edvânia@cepae.ufg.br

Referências bibliográficas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. Causos: resgatando a história oral da cidade de Goiás.
REDE GLOBO. Entrevista de Ana Dela Pria com Patativa do Assaré / Programa Globo Rural - setembro/1999.
REVISTA CIÊNCIA HOJE - das crianças. Ano 17 nº 144 - março de 2004.
Entrevista concedida por Baltazar Mariano da Silva, em 04 de março de 2005.